

Repertório escolar e repertório midiático – entre dois mundos musicais

Sílvia Nunes Ramos
Centro Universitário UNIVATES – Lajeado/RS
blumentopf@ig.com.br

Resumo. Esta comunicação é um recorte de uma pesquisa realizada com um grupo de crianças de um bairro popular de Porto Alegre/RS sobre música da televisão e educação musical. Adotando como metodologia o estudo de caso, a pesquisa procurou investigar hábitos e preferências televisivas e suas relações com a aprendizagem de músicas. As músicas aprendidas através da televisão são levadas para a escola onde são compartilhadas com os colegas. Nesse encontro ficam visíveis as tarefas para uma educação musical escolar que possa conjugar as diversas músicas.

Palavras-chave: repertório musical, mídia, televisão

1. O repertório midiático na escola

Esta comunicação é um recorte de um estudo que investigou como a música da televisão está presente no cotidiano de crianças em fase inicial da escolarização (Ramos 2002). O grupo escolhido é formado por onze crianças de 9 a 11 anos, sendo cinco meninas e quatro meninos. A escolha dos participantes aconteceu durante observações em uma escola pública de Porto Alegre- RS, denominada de Escola Vila Castelo. Além de a Escola oferecer música como atividade curricular, percebia-se que o cotidiano escolar é enriquecido pelo repertório que as crianças trazem para a Escola.

Durante o trabalho de campo realizado na Escola Vila Castelo, meu olhar se voltava para as cenas em que a música se fazia presente. Alguns recortes da realidade musical desses meninos e meninas iam acontecendo de uma forma surpreendente:

A menina estava na fila do refeitório se requebrando toda. Alguns momentos com as palmas das mãos coladas nas mãos de outra colega da frente. As manifestações musicais que desejo ver acontecem rapidamente no espaço escolar. São flashes rápidos demais. Muitas vezes não dá tempo de ligar o gravador. Ou seja, quando uma criança começa a cantar ela não avisa. Abre a boca e canta, a todo vapor, e muitas vezes uma frase, e basta. Mas o

suficiente para se ter a idéia da música. Todo momento do recreio é aproveitado por eles (Diário de Campo, 09/04/2001).

Os momentos em que os meninos cantavam eram os mais variados: durante a chamada, caminhando na fila para se dirigirem até a quadra, correndo livremente pela quadra de basquete, atrapalhando as parlendas realizadas pelas meninas e, mais tarde, subindo as escadas em direção à sala de aula depois da educação física.

No pátio era também possível flagrar alguma dança alegre motivada pela música do grupo É o Tcham ou cantando algum outro sucesso. A hora do recreio não era o único horário estabelecido para as crianças ouvirem música. Durante a entrada e a saída, era possível ouvir algo no pátio, mesmo que fosse proporcionado pelo rádio portátil das auxiliares da limpeza.

O canto espontâneo individual ou com os amigos não aparece só no pátio, mas também na sala de aula. Em grupo, percebi que quando um começa a cantar os outros vão atrás. O que mais me chamou a atenção é que surge de repente no meio de tudo uma voz solitária que puxa a canção, e, de imediato, parecendo um coral ensaiado, a turma responde num bom volume e dicção. Não falta nem o acompanhamento com as bocas, como a versão original do grupo O Bonde do Tigrão sugere percussivamente. As crianças reproduzem uma sílaba que se aproxima a um “*tum, tchi, tum, tum, tum*”, realizada com bastante precisão. As performances são mistas, tanto que, às vezes, só os meninos cantam, em outras, as meninas cantam.

Observa-se o quanto as crianças interagem através da música que cantam. A frase “todo mundo já sabe e aí a gente começa a abalar também” parece demonstrar que este é o caminho para o sucesso de qualquer atividade musical com as crianças. Para elas, mais do que ouvir as músicas é o compartilhar com os demais colegas, momento em que surge a troca de conhecimentos anteriormente adquiridos, como, por exemplo, a dança e a letra da música.

Não se pode desconsiderar a importância dos pares nesta prática musical escolar desenvolvida pelas crianças, pois tudo indica que interagir com as demais se trata de procedimentos de aprendizagem próprios das crianças. Forma-se nestes momentos de

interação o grupo dos que sabem, e aí ensinam; e o grupo dos que querem aprender que então procuram aqueles que já sabem o repertório musical midiático. Aqui reside um dos aspectos da aprendizagem social, cuja eficácia consiste na troca que se estabelece e no conhecimento adquirido em decorrência da interação entre os pares. Para Lurçat (1998), “na escola existe uma espécie de assimilação coletiva do que a criança aprendeu sozinha” (ibid. p. 120).

2. A posição da escola quanto aos repertórios da mídia

Num determinado momento da coleta de dados, a Direção da Escola Vila Castelo proibiu a turma de cantar “as músicas do Bonde”. Quando perguntei o porquê da proibição, uma professora disse que já estava enjoando. “Não é pela bagaceirice das letras, é por que está chato mesmo”. No entanto, a proibição do funk no ambiente escolar parece estar ligada diretamente ao conteúdo das letras das canções. Coube à Escola realizar uma avaliação desse tipo de repertório, determinando que algumas músicas poderiam incitar a violência pelo uso indiscriminado de conceitos utilizados para definir as mulheres, como é o caso da letra da música do Bonde do Tigrão. Embora as crianças se identifiquem com alguns gêneros musicais, a Escola os filtra de modo a não permitir a apreciação de determinadas músicas, como contam Elisa e Joel:

- Elisa:* As professoras não botam mais o Bonde do Tigrão aqui no colégio.
- Entrevistadora:* Porque tiraram o Bonde do Tigrão?
- Elisa:* Porque descobriram que dava muita violência.
- Entrevistadora:* Vocês já pediram pra Escola essas músicas?
- Joel:* Não pedimos ainda porque as professoras não gostam muito. Porque fala das cachorras. Daí as professoras que tão dando aula falam assim: - é pra trabalhar, não é pra cantar. Daí, se elas perdem o emprego...

As crianças parecem entender seu conteúdo revelado na malícia, no silêncio tímido e nas reticências de alguém que entende o que significa, mas ainda não sabe se pode falar escancaradamente sem permissão. Os meninos se soltam mais, quando o tema é sexo. As

meninas não explicam o significado do que é cantado, não porque não saibam, mas porque não podem. Limitam-se a observar a distância. Com suas feições mostram que existem assuntos na Escola que não são para elas.

O funk sempre aparecia na sala de aula. Em uma dessas ocasiões, a professora de música perguntou para a turma que tipo de música estavam cantando e quem era o autor. Não souberam responder, mas permitiu a apresentação mais adiante, depois de escutarem outras músicas do Arca de Noé, de Vinicius de Moraes.

Percebia-se a vontade e interesse das crianças em cantar “as músicas do Bonde”. Fizeram votação para ver quem venceria entre a música proposta pela professora e as do Bonde do Tigrão. A maioria da turma mostrou que gostaria de escutar O Bonde. Mesmo assim, a vontade de todos não foi atendida.

A professora de Educação Musical adotou uma postura crítica quanto ao *Tapinha* e outras músicas difundidas pela mídia num período que durou de fevereiro até dezembro de 2001. Disse ser “feminista fervorosa”, e “não concorda” com a imagem da mulher ser exposta de maneira negativa. Mesmo não estando de acordo, trabalhou com as crianças as músicas que elas foram sugerindo ao longo dos meses, pois, segundo ela, os alunos têm a oportunidade de saberem, ao mostrar outras opções musicais, “o que é bom para eles. Eles recebem essas músicas em casa todos os dias, já trazem isso pronto”. Para contrapor esta realidade musical do Bonde do Tigrão e outras, de certa forma reforçada pelas crianças, prefere manter sua postura crítica e tentar quebrar a hegemonia do repertório midiático.

A primeira vez que fui à Escola de Ensino Fundamental Vila Castelo para saber se realmente seria possível a realização deste estudo, a música estava presente nos diversos espaços, inclusive na execução de tarefas, como as de matemática, português e espanhol. De repente as vozes agudas silenciaram e ficou em mim aquele vazio, a sensação de que algo estava faltando na Escola. Desapareceu aquele cenário que tantas vezes presenciei. A turma que antigamente trabalhava com música e mostrava o repertório da preferência de cada um agora não existia. O cenário musical que considerava rico pela diversidade de gêneros desapareceu. As únicas que passei a escutar nos momentos finais de minha coleta de dados foi a música dos alto-falantes.

A Escola estabeleceu com os alunos uma negociação quanto à execução das músicas. A escolha não fica a cargo somente da instituição, mas, ela ouve os pedidos mais relevantes, analisando se é plausível de ser tocada no espaço escolar. A Vila Castelo passou a ter assim uma política de seleção quanto às músicas que poderão habitar os seus múltiplos espaços.

3. A relação que as crianças constroem entre esses dois mundos

A Escola está impregnada pelo repertório midiático, pois as experiências que os alunos fazem fora dela acabam indo para dentro:

- Entrevistadora:* Lisa, essas músicas que tu aprendes, essas danças que tu aprendes ... Tu cantas e danças na Escola também?
- Lisa:* Hã, hã (confirma).
- Entrevistadora:* Com quem tu danças e cantas?
- Lisa:* Eu canto e danço com minhas amigas. Tudo aqui com minhas amigas, não faço quase nada sozinha no colégio.
- Entrevistadora:* E por que tu não fazes sozinha?
- Lisa:* Porque no colégio eu não gosto de fazer sozinha, eu gosto de ter amiga por perto porque se eu tenho amiga ... eu não posso brincar com ela em casa.

É bem provável que a música tenha a função aqui de unir os dois mundos em que vivem essas crianças. No caso de Lisa e de tantos outros, a música é a fronteira que divide o que é ser criança e o que ser criança-adulto quando diz: “eu canto com minhas amigas, eu danço com minhas amigas, tudo aqui com minhas amigas, não faço quase nada sozinha no colégio”. Aproveita para brincar, para ser criança na Escola, uma vez que não pode brincar com as amigas em casa.

É unânime na fala das crianças que a música a ser executada nos alto-falantes da Escola deve proporcionar o canto e a dança. O repertório mais solicitado é aquele que todos sabem cantar. E o sentido de ele frequentar os espaços musicais está justamente na possibilidade de participação de todos.

As crianças se perguntam, o que elas vão fazer, por exemplo, com canções, como *Coração de Estudante* e *Menestrel das Alagoas*, que são tocadas nos alto-falantes da Escola na hora do recreio? São músicas que, para outros contextos, representaram algo para muitas gerações, mas quem traduz para as crianças as mensagens que essas canções trazem?

São músicas que estão longe de ser compreendidas pelos significados distantes. Para crianças que sabem que os pontos de drogas estão na esquina de suas casas, ou dentro delas, é mais fácil entender um funk, que mostra um cenário social em que elas vivem e tentam assimilar, de acordo com as estratégias familiares e escolares que recebem.

Quanto à Escola, ela tenta, diariamente, com seus projetos internos, não reforçar, ainda mais, um contexto que seus alunos conhecem muito bem. Existe o estímulo por parte da professora de música, quanto à apreciação de música na sala de aula. Porém, é o repertório escolhido para as crianças ouvirem parece não agradar. De várias formas dizem que música para elas é aquela que “serve para dançar ou se movimentar”.

Joel: Eu gosto de ouvir música no final de semana porque não tem aula e daí eu posso ouvir bastante. No colégio as professoras colocam às vezes uns radinhos com músicas só de romance, também não abala ninguém.

Entrevistadora: A música tem que abalar, Joel?

Joel: Tem que abalar, como é que a pessoa vai cantar morrendo?

A relação que as crianças estabelecem entre os dois mundos, o escolar e o televisivo, está na formação de agrupamentos. Elas assim o fazem, pois ainda necessitam de referências ou modelos.

As crianças entrevistadas buscam constantemente no cotidiano escolar relacionar-se com colegas que podem lhe ensinar música. O ato de ver e ouvir alguém cantando é algo que acontece igualmente, quando tentam aprender no contato diário com a televisão. O processo acontece, porém, em dimensões diferentes. Uma delas é televisual ou virtual. Aqui, o outro não pode ser tocado, apenas pode ser visto e ouvido. Na outra dimensão, o outro é observado durante um período maior de tempo na Escola e participa com mais frequência daquilo que deve ser aprendido ou lembrado.

Entrevistadora: Que tipo de música tu cantas na Escola?
Diane: Às vezes no recreio. Na sala não dá pra cantar porque a professora não deixa, mas eu consigo.
Entrevistadora: E no recreio, o que tu cantas?
Diane: Eu canto um monte de músicas.
Entrevistadora: Sozinha?
Diane: Às vezes sozinha ou com minhas colegas. Nós sentamos num banco e cantamos. Eu gosto das minhas colegas porque são elas que me ensinam.
Entrevistadora: E como é que te ensinam?
Diane: Elas cantam e aí a gente senta num banco e elas vão me ensinando, aí eu aprendo.

As crianças aprendem em casa, mas a prática diária se processa na Escola, na interação com outras crianças. A Escola é o local onde se realizam atividades com colegas, porque lá se encontram todos que possuem ou não afinidades e gostos em comum. É na Escola onde a coletividade é reforçada para a realização de tarefas, inclusive musicais. Oportunidades tornam-se mais difíceis se está em casa, longe de seus pares.

Por isso, como recomenda Souza “é preciso tomar a escola como um lugar de práticas cotidianas e repensar sobre o que as crianças fazem nas escolas”, pois:

“Essa identificação das crianças com seus pares parece ser uma referência que a escola insiste em relevar, como se o sentido unívoco do estar na escola estivesse fixado no conhecimento ou na aprendizagem de conteúdos. Tomar a vida escolar com suas contradições, interrupções que correspondem à vida cotidiana, à situação real em sociedade torna-se imperioso para que as experiências escolares permaneçam como experiências significativas” (Souza, 2000, p. 177-178).

A parceria no ambiente escolar é favorável para a ampliação do repertório musical. Tudo indica que cantar na Escola com amigos, na maioria das vezes, se atribui ao conhecimento que os outros têm das músicas. Existem dificuldades em aprender sozinho. Esta situação individual do aprendizado parece contribuir para a perda do estímulo. Algumas vezes cantar com alguém não denota simplesmente aprender alguma música nova, mas o prazer de cantar com amigos, justamente porque estes podem colaborar com um momento musical, não só pelo aprendizado em si, mas, também, por uma situação de interação proporcionada pela música.

Para as crianças não existe um local específico para aprender. A relação delas com a música estabelecida entre o mundo televisivo e o escolar está no próprio ato de querer aprender e como aprender. O local não define a relação, o que define é a música que está presente nesses dois mundos. Existe o mundo televisivo, que se constitui das interações entre a criança, a música e a televisão. No mundo escolar, as interações se estabelecem entre a criança, a música e outras crianças.

Concluindo, como afirma (Morduchowicz, 2001), mais do que “transformar o capital ou os consumos culturais dos alunos”, a escola deveria “explorar a relação que os meninos estabelecem com o mundo (escolar e não escolar) e ensinar a desnaturalizar as representações que o constroem, cuja compreensão afetará certamente a percepção que têm do universo, sua observação sobre a realidade e sua atitude ante o conhecimento” (Morduchowicz, 2001, p.94-95).

Referências

MORDUCHOWICZ, R. (2001): *A mí la tele me enseña muchas cosas* - La educación en medios para alumnos de sectores populares. Buenos Aires: Paidós.

RAMOS, S. (2002): Música da televisão no cotidiano de crianças: um estudo de caso com um grupo de 9 e 10 anos. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SOUZA, J. (Org.) (2000): *Música, Cotidiano e Educação*. Programa de Pós- Graduação em Música Mestrado e Doutorado. Porto Alegre.